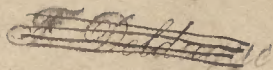


Carne Grossesi,
Celle, etc.



15:000000



Revista bi-mensal

A CECILIANA

PROPRIETARIO

Julião Junior

RÉDACTOR:

Julio Preses

ANNO IV

S. Paulo, 21 de Abril de 1899

NUM. 20

VALLE E SILVA

É um dos meus velhos camaradas, dos raros que apresentam sempre a mesma franquesa e a mesma limpidez de caracter. Tem-se feito por seus proprios esforços, com a força de sua vontade, com a actividade de seu bello talento.

A poesia o captiva tyrannicamente, sem que elle tenha forças de evitar o poder violento das Musas

O Valle e Silva não é nada elegante, embora julgue sel-o; não tem geito de conquistar as costureiras, embora julgue conquistal-as; não possui o sangue frio para as declarações amorosas, embora julgue possuil-o. Assim é que elle é, tendo ainda outros predicados: occulta espantosamente a idade,



conversa aos pulinhos, diz não gosar saude, baba-se todo quando alguma senhora concede-lhe um desses olhares chorosamente den- gosos e costuma elogiar-me com franquesa tão rude que eu fico pasmo!

Perseguido por uma paixão amorosa, deixou a Capital Federal, abandonando a bella posição que occupava na »City Improvements», vindo residir nesta cidade.

A senhorita que elle amava, casou-se o anno passado com um official da marinha, causando este facto uma enorme admiração ao nosso amigo. Desde esse tempo, veio-lhe uma grande dor de cabeça, de sorte que o distincto poeta parecia possuir o amor nas profundezas do

craneo, em vez de possuil-o nas profundezas do coração.

Além de escrever bonitos versos, o nosso camarada é um excellento garfo, gosta de bons pratos, não aprecia bebidas, e não perde as noites em vadiagens de bohemio.

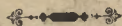
Julgo que, com receio da velhice, o rapaz evita as horas de praser.

O predicado, porém, essencial do distincto confrade é o seu gostinho especial de conquistar as chapleiras, as costureiras, as rapariguinhas de sorriso canalha e de olhares atrevidos. Nisto, é terrível, mas succede que quando vae procurar amor, só encontra desaféros.

E' assim o Valle e Silva; e o que confesso despretenciosamente, com tanta liberdade, indica a velha amisade que nos liga desde muito tempo.

A. B.

A UMA SENHORA



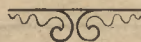
Venho beijar a vossa mão amiga,
Na postura melhor, que nos agrada,
No gesto cortezão da au-teridade
A que o rigor da polidez me obriga.

Sois a mesma, de certo, a que me liga
Um rasto fundo de intima saude,
A mesma sois que na propecta idade
Vestigios tendes da belleza antiga.

Tenho nos labios a frescura d'alga,
Que a mocidade prodiga, senhora,
Ainda roça meu corpo em doce adeo;

Apresentae-me a vossa mão fidalga
Para que eu n'ella deposite agora
O meu mais puro e respeitoso beijo.

JULIO CESAR DA SILVA.



CULTO NOVO



A' L. G.

Todo o christão rende um culto
De gratidão e de amor
A um purissimo vulto
Que o céo nos deu por favor;

A uma virgem sagrada
Cheia de graça e de luz,
E pelo christão chamada
A Santa Mãe de Jesus »;

Mas eu, a glorias affeito,
—E que tambem sou christão—
Rendo um culto mais perfeito
No fundo do coração.

Meu peito, cheio de gozo,
—De espinhos e dores nú—
Adora em ancias, ditoso,
A Virgem Santa, que és tu!

MARIO DOS REYS.



A Redacção d'A
CECILIANA, hoje—terceiro
anniversario desta revista—

penhoradissima agradece a todos

os collegas de imprensa que nos têm dirigidos
amaveis referencias; aos litterados
que nos honram com a sua collabo-
ração; e, finalmente, aos
nossos bondosos assignantes
em geral.

S. Paulo, 21 de Abril de 1899



RÉPLICAS



Antes de começarmos este artigo, pedimos desculpas aos nossos leitores, porque o assumpto do qual nos vamos occupar é tão pequenino que nos causa tédio.

Não pretendiamos abaixar-nos em responder aos grosseiros improperios de que ultimamente temos

sido alvos, pelas columnas do noticiario de um jornal d'esta Capital; mas como algum leitor prevenido talvez tomasse a serio essas sandices, vamos responder-as.

Existem aqui, como em toda parte, typos sem criterio nem responsabilidade, que não possuindo valor algum, procuram macular com a sua baba immunda as pessoas que pela posição social, pelo estudo e pelo trabalho, estão collo-

cadadas num nivel muito superior a elles. Neste caso estamos nós; n'aquelle—está um certo sugueitinho, cujo pretencioso pseudonymo occulta mal uma individualidade desconhecida e frivola a quem são perfectamente applicaveis as celebres palavras: «zero, não querendo andar nú, vestio-se de vaidade.» Pois bem, o pseudo critico, não tendo valor nem competencia para por-se á frente

de uma revista como a nossa, mergulhou sua penna na bilis da inveja e com ares de mestre-escola... de aldeia, lá veio vomitando asneiras despeitadas contra os redactores da *Ceciliana* e seus colaboradores.

Ora, esse snr., que ha tempo já foi desmoralizado por uma folha d'aqui, que lhe mimoseou com o appellido de poeta veterinario, é incompetentissimo para nos criticar.

O petulante critico é um escriptor sem escriptos; desafiamol-o a que nos prove o contrario. Dirigindo-nos a elle, pois, olhamos ao chão e vamos procural-o no meio da poeira que pisamos com o tacão de nossas botas, e, mesmo assim, temos difficuldade em encontral-o, porque a sua individualidade é muito mesquinha e microscopica!...

Esse critico que è um desiqui librado, intellectual e physicamente, porque é um doente, ao expectorar as suas phrases *chués* e insultuosas, devido á posição em que estamos com relação a elle, esses insultos, seguindo a lei da attracção, irão cahir sobre a pessoa de quem partiram.

Nós respeitamos os verdadeiros e illustres talentos; estamos promptos a dar a mão á palmaria e a curvar-nos ante as delicadas licções de quem estiver apto a nol-as ministrar, seguindo o methodo da critica moderna que exige que se induza primeiro, para depois se deduzir. Jamais, porém, daremos attenção aos *peridiqueiros* baratos que gritam

Isto não presta! —mas que não provam porque não presta, somos jovens, estamos em pleno arrebol da vida, é natural, pois, errarmos, mesmo porque *errare humanus est* diz o axioma. Nem sempre podemos fugir do erro, porque a intelligencia do homem é finita, e, portanto—fallivel

O pseudo critico, porém, julga-se um *non plus ultra* em litteratura, e, manejando uma férula quebrada, fez como o sapo da fabula, enche-se de ar e tresandando empafia por todos os póros do corpo pro-

duz umas apreciações pulhas a respeito d'*A Ceciliana*.

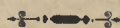
Isso é demais! Esse imbecil pensou que falava *ex-cathedra*, quando não fez mais que dar patadas a esmo.

Agora, para terminar, diremos que se o critico voltar á imprensa, não mais lhe daremos a honra de uma resposta, porque isto seria gastar cera com um defuncto muito atôa!

A elle ligaremos a importancia que merece um cão hydrophobo que, n'uma noite escura, ao ver a lua surgir magestosamente ao longe, começa a latir, latir furiosamente para o astro nocturno.

Antes, porém, de pingarmos o ponto final neste artigo, seja-nos licito ainda atirar ao pseudo critico esta celebre phrase do philosopho grego: *nosce te ipsum!*

LE RÊVE



À R . . .

—Qui est là?

—C'est moi.

—A cette heure! Y a-t-il de voleurs à la maison?

—Point de tout.

—Eh bien?

—Je voudrais des allumettes en as-tu?

—J'en ai, oui, mais attends un peu, que je revienne à moi.

....Tu viens de me reveiller, et je rêvais. . . . je rêvais. . . . dois je te le dire. . . . Je rêvais de Rose! . . .

—Ah! Ah! tu rêvais! Heureux mortel! Raconte moi donc ton beau rêve! . . .

—Bon, si tu commences comme ça je ne te raconterai rien!

—Ne te fache pas, mon cher: voilà que je redeviens sérieux! Passe moi d'abord les allumettes.. et maintenant à ton rêve, je suis tout oreilles! . . .

—Mon Dieu! C'est très simple, mon rêve. Ce que je rêvais on rêve aisement sur tout quand on est jeune et. . . . vilain! Voilà:

«Le temps était beau, un ciel bleu, taché çà et là de petits nuages blancs!

Les doux parfums qui se dégageaient des jardins du faubourg embaumaient l'air; les oiseaux chantaient autour des roses grim-pantes saluant gaiement la nature dans toute son splendeur! En regardant à travers les vitraux de la fenêtre, je remarquai du mouvement dans la rue et je m'aperçus que tout le monde allait à la messe.

C'était juste un dimanche, et agacé par la joie que regnait au dehors, je résolus d'aller, moi aussi, à l'Eglise!

D'ailleurs je ne ferais que le devoir d'un bon chrétien. . . . n'est ce pas? . . .

—Tu ris, bon; je sais bien que tu es un sceptique! . . .

Je continue. . . En regardant le pendule je vis que c'était déjà 8 heures moins le quart.

En m'habillant en toute hâte, j'arriverais encore à temps. La messe était à 8 heures.

Je me rendis donc à l'Eglise de**. La messe commençait à peine et l'Eglise était déjà pleine de monde. La plupart des fidèles, autant ce que l'on pouvait remarquer dans la morne clarté de la nef étaient des gens à vêtements assez sombres, à mine sérieuse et d'une pose qui semblait être en harmonie avec la musique cadencée et grove de l'orgue. . . Tout à coup j'aperçus un point blanc qui faisait un vrai contraste parmi les toilettes sombres! C'était selon je pûs voir à la demi-obscureté qui régnait alors, une gentille jeune fille en toilette printanière, qui n'ayznt pas été, selon toute probabilité, ni au théâtre ni au bal venait entendre la messe! Elle était ravissante! . . .

Les rayons mornes du soleil qui coulaient à travers les vitraux coloris des grandes fenêtres latérales la rendaient féerique.

Je pensai à la Marquerite du Faust recevant le pardon de Dieu!!

Malgré tout le désert que j'é prouvais à la voir de pres il m'était impossible d'y reussir.

Il aurait fallu traverser la nef, dont l'accès m'était deffendu com-

me á tout autre homme, du moins pendant la cérémonie. Je dû donc patienter!

D'ailleurs, elle priait avec tant d'onction, et ne regardait que vers l'autel où le prêve célébrait le saint sacrifice, que, je dûs renoncer á ce désir, tout en me promettant de saisir la première occasion de m'approcher!

Cependant je ne la perdais point de vue et comme je la regardais avec une attention croissante, je croyais la reconnaître...

Et... voilà qu'elle fait un petit mouvement de tête et s'étant un peu retournée je pûs avec surprise reconnaître!... C'était Rose!...

Depuis longtemps, je cherchais en vain un moyen discret, qui pût me conduire á faire sa connaissance.

Malgré tous mes efforts, jamais l'occasion ne s'était présentée! Mais le hasard qui vient toujours en aide aux amoureux devait m'aider ce jour lá.

La messe finie Rose quita sa place et dans la hâte de rejoindre quelques amies, elle oublie son petit missel sur le prie-dieu. Je m'approchais alors et en moins de rien je l'avais entre les mains!!!...

Enfin!... je l'avais ce moyen longtemps cherché et encore plus désiré!... Mon coeur battait si fort que j'en pris peur!, et plus vite encore je sortis de l'Eglise emportant sur mon coeur le talisman que devait me faire approcher de Rose.

J'étais juste sur le point de lui remettre personnellement, en m'étant rendu chez elle rue**, j'allais lui dire combien je l'aimais; je la voyais déjà ouvrir sa bouche mignonne pour me répondre... j'allais être peut être le plus heureux des hommes quand tu me revaillas brusquement et je n'ai... q'une désillusion de plus...

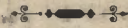
Ce n'était qu'un rêve...

ARTHUR DE ARAUJO

S. Paulo, Abril 99.



IRIS



(BASILIO DE MAGALHÃES)

A poesia, esse conjuncto de procura e magnanimidade de sentimentos em procura do ideal, tem sido, desde os tempos mais remotos, a companheira inseparável da mocidade amorosa.

Não ha adolescente que não tenha pago á natureza o tributo que ella nos exige nessa risonhidade; e, comquanto nem todos publiquem os seus versos, quasi é certo que todos os fazem, ao menos na phantasia, quando o coração começa a venerar a natureza e a adorar a mulher.

Infelizmente, a poesia nem sempre é benevola para com os seus adoradores: a ingratitude, esse punhal do espirito, que fere mais do que os de aço reluzente, é o estípendio que muitos vates recebem de sua bem-amada, ás vezes mesmo após um prolongado e puro culto, em que o coração tomou tão grande parte.

Basilio de Magalhães pertence ao numero desses desventurados, aos quaes o desprezo da «ingrata poesia» deve ferir profundamente.

Assim é que, publicando o seu livro *Iris*, o auctor não fez mais do que mostrar aos que o não conheciam como poeta,—o muito que delle zombou «a poesia», que elle tanto amou!

No prologo do livro, diz Basilio de Magalhães: «Este livro não veria nunca a luz da publicidade, si reiteradas instancias de amigos não fizessem sahir do olvido, a que eu merecidamente as condemnára, as poesias que comeci a «perpetrar» desde 1890».

Vê-se claramente que o auctor não desconhece o pouco valor do seu trabalho.

Auxiliado, portanto, vou entrar na analyse do livro procurando demonstrar, tanto quanto possível, o seu insignificante prestimo.

Em um dos meus artigos de critica, disse: «A belleza de sentimento é da poesia como que a sua vida e o seu encanto».

Basilio de Magalhães, até nos assumptos mais puros, não denota possuir um coração de poeta.

Vejam os si eu fallo a verdade.

A BENÇÃO

Deixei meu lar, deixei meu pobre e humilde lar
E me arrojé á senda, á que ao futuro leva,
Tendo apenas, a guiar-me entre a lóbrega treva.
Tua benção, unida em amoroso luar.

De que preciso mais, si ella é tudo e si
Para levar-me além ao lúcido porvir?
Vem, em sonho, animar-me e alegrar-me,
a sorrir,
Si ás vezes desejo, a tua imagem casta...

Não trascrevo o resto, porque os leitores já podem calcular o que, na realidade, ella é.

Não ha sentimento nem arte na poesia *A benção*: tudo nella é pesado e enfadonho.

Si Basilio de Magalhães fosse um bom poeta—faria de tão sublime assumpto—qual o escolhido—uma poesia cheia de sentimento, ainda que pouco artistica.

Mas não! Nem arte nem sentimento ha nessa poesia que dedicou á sua mãe, esse ente puro e sancto que mora nos corações.

Basilio de Magalhães é também digno de lastima quando procura rimas!

Na mesma poesia de que já fallei, diz elle:

«Que vale muito mais que o vil, escuro louro...

Dizer que o louro é vil e escuro—é insensato, e só se desculpa pelo facto de não achar o poeta outra rima para—thesouro!

E o poeta tem muitas como esta.

A' pagina 20, lê-se:

«Vale mais que «o dever» e mais do que ouro,
Vale mais que os thesouros o thesouro
Das feiticeiras formas fe ninis!

Basilio de Magalhães, que é todo moralista, todo sancto, não respeita as cousas mais sagradas—toda a vez que a rima lhe mortifica o cerebro.

«Pois nada pô le mais que nosso ingente amor!
Nem me-mo o proprio Deus!

Que querem os leitores!? O poeta não tinha outra rima para-teus--e era necessario que zombasse do poder do Creador, ao qual a humanidade toda presta o culto mais respeitoso possivel!

Do triste, o poeta passa immediatamente ao ridiculo, com a mesma calma, com a mesma ignorancia da arte.

«Ou, si não, vem, Mulher, e o desgraçado arranca:
—Vel-o-ás m rren beijando a mão que á morte o leva,
Mã) assassina, «mão divinamente branca»

Ora, fallem com franqueza, aquella mão, *mão divinamente branca*, não provoca o riso?

E, já que se fallou em *mão divinamente branca*, vem a pello transcrever os versos da pagnia 25:

«Com ciumes de sua alvura
E imaginando eclipsa-la,
Caiu um fioco de neve
De tua palma no côncavo.

Conheceu, porém, ja tarde
Que essa mão era mais branca,
E, de vergouha ou de inveja,
Expirou, desfeito em lagrimas».

Sejam de Alarcon ou de Basilio, os versos acima não passam de *versos dignos do Iris*.

Basilio de Magalhães é adorador das cousas brancas. A pagina 27 lê se:

«Branca eu deixára a pagina da vida,
Eternamente branca eu a deixára.

E em muitos outros versos falla-nos elle em *brancuras*.

O auctor do *Iris* é tambem muito infeliz nas comparações que faz.

Na roça, elle compara o *verde milharal* com um *batalhão*; na *Loura*, o *sol* com um *grande moinho de ouro*, e nesta mesma poesia, elle manda que o astro-rei *esconda o seu aurivomo pharol!*

Verdadeiramente deploravel é, porém, Basilio de Magalhães, quando tracta de *metempsychose*:

«A alma della é minha alma e esta minha alma é della,
Que até hoje ambos nos temos uma só vida,
E um corpo tambem só, a bocca rosea e bella
Unida á m' nha bocca e a minha á della unida.

Quanta alma e quanta bocca em tão pequena *transmigração!*

Pelo que ficou dicto, os leitores devem ter visto que Basilio de Magalhães é um máu poeta, sem arte e sem inspiração. Não devo, por conseguinte, alongar-me mais em considerações. Devo, porém, confessar que achei uns versos simples e de algum merito no livro *Iris*.

São estes:

«No me perguntes lo que quero oír
de tus rosados labios seductores,
pues no es necesario más decir
que yó, loco de amores,

de tu divina boca sólo anhele,
oh flor, oh mi tesoro,
las palabras del cielo:
—«Tó te adoro!»

Termino a minha critica, que já vai longa, transcrevendo as palavras do auctor do *Iris*, no prologo do seu livro:

«Pois os versos que ora entrego á letra de fôrma, não passam, realmente, de *Iris*, na essencia e no destino: que mui variegados são elles e se sumirão, certo, celeramente, nos abysmos de justo oblivio, reaparecendo tão sómente quando o sol da bondade dos amigos, sob cuja égide eu os colloco, sobre elles reflectir seus raios vivificadores.»

M MIRANDA.

BERLINDA

TRAÇOS LIGEIROS

R. C. S.

Ha occasiões em que não se sabe o que se dizer sobre esta ou aqua le pessoa.

Hoje estou assim não sei como hei de dar conta d'esta minha secção e nem o que possa escrever, o que não ignoro porém é que os directores d'esta sympathica

folha estão atraz de mim (salvo seja) reclamando o cumprimento da minha tarefa...

Não seise os meus amaveis leitores souberam, que eu, durante alguns dias estive ausente d'esta, ja por mim tão querida publicéa?

Pois si não souberam, fiquem sabendo.

Galguei as alterosas montanhas do meu querido Estado, atravessei a Mantiqueira e fui saborear o bom leite, a boa agua, o bom clima e muita cousa boa da Campanha e do Lambary!

Nesses dois logares não deixei de dar a minha sortezinha e de mostrar áquelle povo que tenho (modestia de lado!) algum atilamento...

Em Aguas do Lambary então, estive mais entusiasmado, pois lá encontrei graciosas senhoritas paulistas, fluminenses e mineiras em uzo das boas aguas.

A todas tive a honra de ser apresentado e de entreter, agradabilissimas palestras.

Passei agradaveis dias em convivencia com o que ha de melhor e mais chic na alta sociedade fluminense, paulista e mineira. Em fim diverti-me á valer!

Agora perguntar-me-hão os que me lêm: que temos nós com os passeios e aventuras do Angadavrina ou que tem esta Berlinda ou o R. C. S. com os seus divertimentos?... Nada com certeza.

Eu porém lhes explico, quiz lhes contar que estive ausente de São Paulo alguns longos dias, apenas para os meus gentis leitores (esses qualificativos não querem significar engrossamento) saberem que sou desconhecedor de muitos factos succedidos recentemente em São Paulo e nos quaes segundo dizem R. C. S, tem tido papel proeminente.

Essas duas linhas crivadas de pinguinhos muito querem exprimir...

Bom! Tratemos ligeiramente, pois o espaço é pequeno, do nosso berlindado:

R. C. S. é fluminense de nascimento mas paulista de coração. Ama S. Paulo, Capital, como os

portuguezes a sua *santa terrinha*.
Aqui R. C. S. é membro saliente da *élite*.

Criança ainda, o conheci no collegio jesuita em Itú, onde seu comportamento não era dos melhores, comtudo nos estudos soube collocar-se numa altura digna de si.

Sua intelligencia muito o auxiliava e o fazia com que soubesse sempre dar conta do seu recado.

Muitas vezes, e com muita justiça, recebera premios em honra aos seus estudos, mas... bons *conselhos* em honra ás suas *travessuras*.

Antes assim.

Tem um fraco pela mathematicas o que quer dizer ser alumno da Escola Polythecnica d'esta Capital.

Alli, não sei mas informaram-me estar elle meio negligente e confiante por demais na sua invejavel intelligencia.

Isso é máo, sr. R. C. S., olha que d'essa maneira não conquistará a victoria, tão almejada!...

R. C. S., não obstante ser um pouco criança, é um rapaz de quem a patria muito deve esperar.

Elle uza pince-nez o que lhe dá um aspecto antipathico e pouco respeitavel.

Vejo-o ás tardes, mormente nas de sabbado (quando me refiro ás tardes, ja se entende que é de 2 ás 4 horas) no Largo do Rosario ou na rua 15, admirando e contemplando com alguns amigos as graciosissimas, gentilissimas e adorabilissimas senhoritas do nosso *high-life* que por aquelles logares transitam.

E' o seu prazer, como o de todo o rapaz, poder lançar um olhar investigador nas elegantes moças que percorrem a cidade em andar altaneiro, gracioso e chic. Ver-lhes o pézinho gracioso o corpo bem formado, o rosto, scintillante etc., etell!...

Apezar de algumas puerilidades R. C. S. é um joven distincto, muitissimo bom e geralmente estimado

Tem muito bom genio, expansivo e alegre e é um bom amigo.

Quanto aos seus novos amores

(novos? se eu ainda não me refira aos velhos?

Mas n'essa é que não cahio) nada ainda descobriu-se.

Não sabe-se por isso para onde vão dirigidas as suas recentes projecções e qual o astro de primeira grandeza que elle contemplal

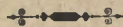
Tambem se um dos do grupo, de que elle faz parte, souber estará R. C. S. na rua da Amargura, pois boas pilherias lhe serão atiradas.

E.... nada mais lhes digo sobre o distincto joven, cujas iniciaes estaes vendo acima d'estas linhas tão ligeiras e grotescamente escriptas!

ANGADAVRINA.

S. Paulo, Abril, 99.

FLORES CAMPEZINAS



IX

Um pobre velho sobre a soleira
De uma vendinha sentado está,
De uma vendinha, que fica á beira
De uma sombria, longa, mangueira
Toda cercada de c'raquátá.

Toca sanfona, fuma n'um pito,
Que tem careta, feita de barro;
E esse yelhinho fica bonito
Quando elle toca, todo branquito,
Quando elle canta tal qual um carro.

Tem a voz rouca pois tantos annos
Tem o coitado, já está tão branco,
Tem a alma livre dos desenganos
E tem nos labios sorrisos lhanos,
Que santo velho! Que velho franco!

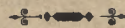
Imita todos os passarinhos,
Faz suas modinhas, canta-as na venda,
Tem em sua casa muitos netinhos
Aos quaes dispensa todos carinhos...
E é o curandeiro lá da fazenda.

A's vezes chora sua mocidade
Tocando a viola feita de pinho,
A's vezes canta tendo saudade
Dos bellos tempos, da doce idade,
Que só deu flores sem dar espinho.

Que santo velho, meu Deus, quizéra
Ter como elle sorrisos francos,
Ter dentro d'alma crença sincera,
Vivendo sempre na primavera,
Tivesse embora cabellos brancos.

JULIO PRESTES.

ELLES...



Após o almoço cochilava o commissario de policia diante aos papeis que devia assignar, quando alguém que não se fizera anunciar entrou precipitadamente no gabinete, fechou a porta e desfalleceu nos braços de um *fautueil*, sob o retrato do presidente da Republica, solemne e protector, collocado a altura de dous metros na parede.

O commissario espantou-se, abriu os olhos e disse:

—Sois vós doutor? Que é isto? Como estais palido? Que tendes? Que aconteceu?

O doutor, a quem faltava a voz a principio, applicava o lenço sobre a fronte. Afinal respondeu:

—Que tenho? E'... é... que acabam de disparar-me alguns tiros de revólver...

—Onde?

—No meu consultorio.

—Um cliente? Um louco?

—Não... uma mulher... Ah! eu devia esperar isso... Miséravel! Mas, a culpa foi do meu criado, que não a reconheceu... Tambem, verá logo como vae para o olho da rua!

—Vamos, revesti-vos de coragem e contai-me o que se passou.

—Eis. Era a hora das minhas consultas e eu já havia recebido diversas visitas. Nisto o criado introduziu uma mulher vestida de preto e de véo. Ah! nem tive tempo de livrar-me do seu criminoso intento! Antes que pudesse fazer qualquer gesto ella disparou contra mim dous, tres, quatro tiros.. e talvez mais. Felizmente em momento tão critico não perdi a presença de espirito. Ainda ha pouco o sr. viu-me desfallecido, era a reacção. Quando ouvi as detonações, deixei-me cair sobre o sofá e do sofá ao soalho, de maneira que a queda não me fez mal, e, por outro lado, a infeliz, julgando-me haver morto, nada mais fez que fugir. A verdade é que não me achava seguro de estar são e salvo.. Levantei-me, palpei

o corpo todo, nada, nem um arranhão! Existe uma Providencia! A mulher fugira ante o olhar estúpido do meu criado. Quando procurei perseguil-a, era muito tarde.

—Mas doutor, não a conheceis?

—Si a conheço? Muito! Vivemos juntos durante seis annos.

—Uma antiga amante, então?

—Sim, e que não estrêa agora? Como não desconfiei, não sei? O anno passado ella tentou contra a sua propria vida. Não pensei já mais que a minha corresse risco: Maria amava-me muito para que o fizesse. Dizia-me sempre: «Quando me abandonares, morrerei!» e jamais disse; «Morrerás... Eu não me inquietava, pois. Ah! porque quando ella procurou morrer, fálhou o golpe?»

Como os seus nervos já estavam calmos, elle exprimiu este sentimento desbriadamente, dando novo laço á gravata, arranjando os punhos e compondo o desalinho do seu traje.

Uma ruptura, sem duvida, foi a causa deste drama? perguntou o commissario.

—Uma ruptura, sim, mas para narrar tudo, preciso remontar ha alguns annos atrás.

O doutor sentou-se novamente pòz o *pince-nez*, avariou a barba, como si fosse um objecto de valor, e continuou

—Quando vim a estudar em Paris, tinha necessidade de naturalmente de um amante. A escolha era difficil, por causa de minha familia, que é rigorosa, e dos meus recursos que eram modestos. Meus paes, posto que gozassem na provincia de um certo bem-estar reduziam minha mezada ao estritamente necessario, por economia e tambem no meu interesse. O dinheiro que não esbodegares diziam, serás bem feliz de encontral-o quando morrermos. Aos vinte annos, maldizem-se os paes que assim fallam e apertam os cordões da bolsa, mas alguns annos depois reconhecemos a verdade das suas palavras. Devo dizer mesmo em elogio aos moços de hoje, que elles ouvem melhor estes conselhos da experiencia e cedo conformam-se.

Meu pae, de resto, me declarára terminantemente que suspenderia a mezada si eu me comportasse mal e não fizesse regularmente e com successo os meus exames. N'estas condições a mais extrema prudencia era necessaria. Assim, dei-me por feliz quando encontrei Maria, que parecia-me conciliar todas as exigencias, desde que fosse minha amante. Ella trabalhava e vivia com seus paes. Procurei seduzil-a com palavras mentirosas de um amor eterno e ao fim de alguns mezes ella era minha amante. A sua virgindade esfolhou-se nos meus braços. Bella, séria, reservada, ella me privilegiava em comparação com os meus collegas que viviam em orgias e nas prostitutas. Trabalhadora como era, Maria ganhava sua vida n'um bazarr, e, por consequencia, não me era pezada; em seis annos não custou-me mais que trezentos francos. Debaixo d'este ponto de vista, meu pae concordava que portei-me correctamente. A minha legitima mulher, si eu fosse casado, me seria muito mais dispendiosa e, além d'isso, me faria perder muito mais tempo. Havia um unico inconveniente; Maria morava com a sua familia. Isto era incommodo. Meu pae, chegando sempre sem ser esperado, podia encontral-a um dia em minha casa e eu temia ainda as indiscripções... Era impossivel, pois, vel-a alli. Assim, fiz com que Maria abandonasse a casa de seus paes e alugasse um quarto, do qual eu tinha uma chave. Desde esse dia nada mais temi. Viamo-nos todas as noites; ella era fiel e devotada. A preparação dos meus exames, mesmo, não me era mais aborrecida, tanto ella com os seus carinhos facilitavam-me tudo.

—Ella sabia que não a desposariéis? interrompeu o commissario

—Não o sabia. Essas cousas não se deve dizer formalmente. O que os regulamentos militares prohibem aos alferes, a razão prohibe aos estudantes de medecina e de direito.

As suas prommestas de casamento são mentirosas e, mesmo que as quizessem sustentar, não o poderiam fazer sem comprometter o futuro. A posição que têm, o respeito do seu gráo, obriga-os a procurar um dote para poderem estabelecer-se, e fazer figura no mundo, em vez de vegetar,

Assuas amantes, por mais dignas que sejam, de se tornarem suas legitimas esposas, não ignoram esses impedimentos e se resignam geralmente a coroar por um nobre sacrificio as ligações passageiras.

—Como as amas mercenarias, disse o commissario, que amamentam outra criança que não o seu filho, nas familias ingratas.

—Perfeitamente. É um ~~caso~~ necessaria. Confessarei, entretanto, que Maria não desconfiava o fim que teria a nossa ligação.

D'isso apercebi-me, quando, depois de formado, abri escriptorio n'este quartearão, esperando que a solicitude paterna realisasse o que pretende a hem do meu futuro.

Espacei as minhas visitas e Maria, desconfiada, provocou explicações que a levaram a uma tentativa de suicidio

Commetti a asneira de sensibilisarme e recommear, por caridade, as relações interrompidas.

Como arrependo-me agora!

Meu pae sabendo d'isto é justamente irritado por uma carta supplice que Maria teve a audacia de escrever-lhe, apressou o desfecho propondo-me, de um modo que não admittia replica, o bello casamento que ha tanto tempo acariciava.

Hei de exercer a minha profissão lá, provisoriamente, porque a alta posição que occupo meu futuro sogro abrir-me-á logo a carreira politica.

E é isso! Os medicos, outr'ora, so tratavam do corpo humano; hoje elles, na maior parte, tratam do corpo social.

—E' por isso que elle anda tão doente, disse seccamente o commissario!

—Seja-o. Mas poderia hesitar? A occasião, provavelmente, não

se repetiria. Assim, pois, obedeci a meu pae, participando a Maria que ia de-fini-ti-va-men-te casar-me.

Dispenso-vos de saber as lamurias que acolheram esta noticia. Esperavá-as, e em vão apellei para o bom senso de Maria; ella sabia chorar. O seu amor tornava-se odioso para mim.

Despedaçaria ella a minha vida, o meu futuro? Desfiz-me brutalmente deste jugo insupportavel.

«Não procure mais ver-me, escrevi a Maria; deixe de importunar-me. A tua insistencia é inqualificavel, não me obrigue a por termo a isto pelos meios violentos do direito. Perdoa a injuria que me fizeste, não te queiras lembrar dos peccados arbitrarios, com o risco de prejudicar-me para sempre. Esquece-me como te esqueci; ou acabarei, não mais por tratar-te como uma pessoa estranha, mas como uma inimiga».

A resposta desta carta foram os tiros de revólver de ha pouco. Não posso mais.

—Em resumo, disse o commissario, apresentais queixa contra vossa antiga amante e desejais que o processo siga o seu curso?

—Por certo! Só ficarei tranquillo quando a souber engaiolada.

Ella merece uma lição, sem a qual é capaz de recommear.

—Entretanto, não duvidais talvez, que no jury ella obterá uma sentença de absolvição por unanimidade de votos.

—Não sou desta opinião. Ah! se o defensor e a accusada pudessem enternecer os jurados sobre a sorte d'um filho nos braços da sua mãe, isso aconteceria. Mas... a nossa ligação foi esteril. Não sou tolo!... A gravidez nestas ligações, só póde acabar pelo aborto. Não, é impossivel haver um equivoco. Tudo me designará como a victima. Que mal fiz eu aquelles dias!

—Não aconteceria o mesmo, se o barullo de um inquerito a fizesse perder o lugar que lhe dá a subsistencia.

—Fez ella essa consideração? Não respondeu pelos seus actos!

—Seja, mas eu teria medo se estivesse em seu logar o barullo desta questão não contrariasse de casamento.

O doutor sorriu-se e disse.

—Ao contrario! Não conheceis a provincia. Os homens de bem approvarão o meu acto.

E, seguro disso, o miseravel manteve a sua queixa

Quando elle desapareceu, o commissario que era um homem honesto, e que se revoltara de tanto cynismo disse, mostrando os punhos cerrados:

—Não haverá um cataclysmo para destruir esta sociedade em decomposição? O seductor, o miseravel, amanhã será representante do povo, rico, forte, poderoso. A victima, amante denegada... será... prostituta... uma degradada na esphera social! Como é infame a sociedade em que vivemos!

LUCIANO DESCAVES.

TIRADENTES

Tiradentes foi um bravo
Na terra de Sancta Cruz,
Não se curvou como escravo
No cerebro tinha luz;
No seu peito incandescente
Brilhava o ardente
Da Patria o sagrado amor.
Tinha sob os bellos, grandes,
Immensos, bem como os Andes,
Era nos seus olhos condor.

Queria ver sem desmaio
Ruir por terra a oppressão
Como feroz do raio
Tomba o Cedro no sertão!
Porém o ideal sublime
Parecia mais um crime
A' torpe e vil monarchia;
E foi por ella ultrajado,
Perseguido e condemnado,
Tudo o que a patria lhe queria!

Os seus bravos companheiros,
Que foram outros heroes,
Da liberdade os obreiros,
Foram sentir outros soes
Para curar os seus erros

Em longes, crueis desterrros,
Onde o ceu tem outros brillos;
E la choraram penando,
Da familia se lembrando,
Da Patria e dos caros filhos.

As suas tristes lembranças
Chorava a brisa nas mattas;
Plangente, tem esperanças,
Era o fluir das cascatas:
Pois talvez adivinhassem
Que elles jamais regressassem
Para a terra onde nasceram;
Que não vissem nunca mais
O doce-lar de seus paes,
Que amantes extremeceram.

Emquanto em paiz distante
Do exilio soffriam dores,
Tira-dentes, arrogante,
Em seu carcere de horrores

O momento em que a tu'alma
Voasse em busca de Deus,
Pará, de lá d'essa altura,
Perdoar, bondosa e pura,
Da Patria os algozes seus.

E esse fatal momento
Soou-lhe dentro do ouvido,
Não teve arrependimento
Do que havia commettido....
E' que o morto não espanta
Aquelle que a alma sancta
Tem na terra sempre justa;
Por isso, morreu contente,
A su'alma resplendente
E' no ceo—estrella augusta.

Elle morreu. Mas que importa
Si deixou excelso templo
De civismo, que comporta
O mais deslumbrante exêmplo!
Que importa que elle morresse
Desde que bella nascesse
A semente que plantou?
Que, a custa de atroz trabalho,
Do seu corpo deu o orvalho
E a planta fructificou!

E é por isso que a Historia
Registra vinte e um de Abril;
E' uma data de gloria
Que eleva o nosso Brazil.
Os brasileiros—gravada
Tem no peito, retratada
A imagem d'esses heroes,
Que em frente da tyrannia,
Da caduca monarchia
Luctaram sempre por nós.

TOLENTINO DE ALMEIDA.